

4a. PARTE — DISCURSOS

SAUDANDO JOARYVAR MACEDO *

Mozart Soriano Aderaldo

Não faz muito tempo e nesta mesma tribuna nos encontramos para saudar, em nome da Universidade Federal do Ceará, cinco eminentes colegas, merecedores do nobilitante título de "Professor Emérito". Festa tipicamente universitária, não seria despropositado que então analisássemos a problemática do ensino superior entre nós, à luz da espiritualidade cristã, relegada ao esquecimento pelos ventos da modernidade, insensíveis aos eternos padrões que concorrem decididamente para a formação da personalidade humana.

Foi um grito, se não de protesto contra os descaminhos da moderna mentalidade, pelo menos de fé nos remédios que haverão de corrigir os equívocos de nossa época referentemente ao problema do ensino. À luz da filosofia perene, cujo intérprete maior no atual século tem sido o pensador católico Jacques Martins, tetamos enfatizar o desprezo dos verdadeiros fins da educação e as idéias incompletas e até falsas sobre a transcendente finalidade do ensino. E suas terríveis consequências, visíveis a olho nu.

Desta feita, falamos como nuncio da venerável Academia Cearense de Letras, para saudar um novo Acadêmico. E, a exemplo do que então fizemos, em que a temática se circunscrevia ao ensino universitário de modo particular, não nos parece fora de propósito desenvolver agora algumas considerações em torno do fenômeno literário, em festa caracterizada-mente acadêmica.

(*) Discurso pronunciado, em nome da Academia Cearense de Letras, no Auditório Presidente Castelo Branco, da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, na noite de 19 de agosto de 1983.

De início, relembramos que tudo o que fazemos tem por objetivo a consecução de alguma coisa. As artes, vasto campo de atividades em que se insere a literatura, não haveriam de fugir a essa regra filosófica de âmbito universal. E sua finalidade é a expressão do **belo**. Mas toda obra de arte possui, ao lado de finalidade geral das belas artes, uma mensagem sua característica, conhecida como seu fim acidental.

Assim com as artes do movimento — a dança, o teatro e o cinema, com as artes da linha e da cor — a arquitetura, a escultura, o desenho e a pintura, com a arte do som — a música, e com a suprema das artes — a literatura, que é a arte da palavra, oral ou escrita, de pesquisa ou criativa, em verso ou em prosa.

Aplacando à literatura o conceito clássico de causalidade, sua causa **eficiente** é, obviamente, o artista, o homem, a alma humana, o que torna a atividade literária profundamente subjetiva, dificultando assim o trabalho, também criativo, do crítico literário. O artista em si, o literato é a causa eficiente **principal** da literatura, enquanto a palavra é sua causa eficiente **instrumental**: em vez de utilizar o movimento, a linha, a cor ou o som, o literato manipula palavras. A causa **formal** da literatura é a expressão, isto é, o liame de sua causa **eficiente** com sua causa **materia**l — o que costumamos chamar de o **gênio** do artista. A causa **materia**l da literatura é a vida, especialmente a vida humana. E sua causa **final** é a idéia que o artista tem ao planejar e realizar a obra a que se propôs, que pode ser íntima, subjetiva, ou simplesmente objetiva, exterior. Como o artista há de ter a previsão de sua obra, uma espécie de preexistência de sua criação, podemos dizer que a causa **final** da literatura é o **belo**, a plenitude da beleza, pois o artista procura sempre — embora às vezes não o consiga — realizar do melhor modo a sua obra.

Entendemos que estas considerações, apresentadas aqui de modo sintético, demonstram, à saciedade, que a literatura não é aquela simples atividade lúdica que os pesquisadores das ciências objetivas julgam ser. Há nas páginas de literatura todo um processo criativo que muito custa ao artista realizar. Ninguém de bom senso poderia tranquilamente classificar como

mero jogo de quem não tem o que fazer o que se contém nas magníficas páginas de "Grande Sertão: Veredas" (maneira particularíssima de grafar as "Veredas do Grande Sertão") e nos períodos das memórias de Pedro Nava, aparentemente maçudos mas de fato agradabilíssimos de serem como que degustados pelos que possuem bom gosto, em que a maneira própria de escrever os vocábulos, e o modo revolucionário de uni-los materialmente para transmitir a idéia de continuidade afastariam os leitores acostumados a páginas açucaradas e os policlescos gramáticos de regras, respeitáveis e até razoáveis, mas engrandecidas pela inobservância dos escritores geniais. Alencar talvez não haja empregado corretamente a partícula apassivadora, mas vara os tempos com sua obra de renovação, inovando o linguajar brasileiro, enquanto outros, que o corrigiram, jazem no anonimato e na indiferença da história.

Foi por isso que cautelosamente iniciámos, faz muitos anos, nossa coluna de crítica literária no "Correio do Ceará", a convite de João Calmom, retomada algum tempo depois no "Unitário", por generosidade de Eduardo Campos e Antônio Girão Barroso. Foi-nos dada a oportunidade, então, de salientar o clima de descrédito em torno daquilo que Maritain chamou de "meios pobres", de tal forma que os chamados "meios ricos" — a violência, a ação (no sentido em que os maquiavélicos a entendem) — somente isso tem valor para uma sociedade que alcançou o paroxismo quanto ao materialismo que abraçou, quer teórica, quer praticamente. Teoricamente através de sistemas filosóficos e políticos que se jactam de ser materialistas, e de modo prático por via de uma falsa filosofia de vida que, quando não o combate abertamente, ignora o espiritual e entroniza o hedonismo como programa único de nossa destinação.

Pensar e, mais ainda, fazer pensar é quase reclamar para si o epíteto de desambientado, de "poeta". Mas, em última e acertada análise, somos todos mais ou menos governados pela Poesia. Temíamos nós, ao traçar, então, o programa de nosso trabalho crítico, a função de julgar Deus e o mundo, este mundo de hoje subestimador do que é pessoal e endeusador da socialização a qualquer preço, inclusive à custa do julgamento da Liberdade, esse impressionante presente de Deus ao homem.

Exatamente o contrário do que ocorrera no Século XIX, quando o social havia sido asfixiado pelos direitos individuais.

Por isso, os tempos atuais, mais do que os outros, precisam de escritores que enfrentem a gigantesca tarefa de salvar a pessoa humana e preservar a cultura, ameaçada pelo materialismo prático ou teórico. Em tempos que já passaram, Tristão de Athayde chegou mesmo a preconizar uma Cruzada da Cultura e da Inteligência. Movimento que longe estaria de ser revolucionário, pois pretendia reagir, não para conservar o que houvesse de falho na estrutura da sociedade, mas para corrigir os equívocos, as injustiças, os privilégios e, destarte, evitar outros enganos, novos descompassos e renovadas prioridades.

Claro é que o papel da literatura não pode ser superestimado além do razoável. Os fatos históricos também arrastam os escritores e transformam suas vidas. Mas, a despeito de alguns exagerados quererem trazê-la para a arena das disputas políticas, como se sua finalidade principal fosse a indicação de caminhos e não a busca do Belo, é também inegável que a literatura exerce preponderante influência nos destinos do homem, sendo certo ainda que as grandes revoluções da história deveram sua vitória, em grande parte, ao preparo psicológico de que seus intelectuais se encarregaram, através de livros que escreveram.

A posição mais acertada parece ser aquela que busca o equilíbrio das coisas. A literatura não deve desinteressar-se do humano, numa espécie de arte pela arte, como não pode imiscuir-se no partidarismo político, tornando-se arte de tese. Entre essas duas extremas há enorme gradação de atitudes, mais sensatas à proporção que se aproximam do centro de equilíbrio.

É exatamente esse equilíbrio que não há de faltar a uma obra isolada, a uma corrente e à própria literatura (regional, nacional ou universal) para que aquela sua finalidade última, superior, possa ser alcançada com sucesso.

A esse respeito, visto como vivemos neste instante os fulgores de uma sessão solene da Academia Cearense de Letras.

parece conveniente desenvolver algumas considerações sobre a literatura no Ceará.

Longe de nós a vã tentativa de sintetizar agora o que no Ceará vem ocorrendo, em termos literários, desde os Oiteiros do Governador Inácio de Sampaio, nos albores do Século XIX. Mesmo porque a gigante obra de Dolor Barreira esgotou a matéria e pouco ou nada teríamos a acrescentar ao que ensinou o grande e saudoso mestre. O que nos parece digno de ressaltar nesta noite é aquilo que Yaco Fernandes, em prefácio inédito a inédito livro de Antônio Girão Barroso, inteligentemente evidenciou. Sempre nos preocupou — e a Yaco também — o fato de os prosadores cearenses (especialmente os historiadores, os críticos e os ficcionistas) se haverem distinguido no cenário nacional, enquanto os poetas da terra, até bem pouco tempo, mal alçavam voos além fronteiras. Exceção feita, nas gerações passadas, a José Albano, que se tornou universal na temática e na linguagem seiscentista, e talvez a Juvenal Galeno, cuja obra se firmou pelo cunho regionalista que o poeta lhe imprimiu, pouco acrescentamos no setor da poesia ao grande panorama artístico brasileiro. Poderíamos, ainda, destacar a poética do Pe. Antônio Tomás, de temas universais e espontânea inspiração, o que lhe confere lugar de merecido relevo na literatura nacional.

Não passava, porém, de ledão engano a conclusão nossa e de Yaco Fernandes. De fato, os poetas cultos não lograram lugar melhor no vasto campo da poética nacional, mas, como bem o diz o mesmo Yaco no magnífico prefácio aqui aludido, do convívio do homem comum da terra com o meio natural fluiu a poesia, pura e espontânea, como uma “emanação da própria essência das coisas”. Vale a pena (assim entendemos), transcrever parte substancial de seu ponto de vista, ressaltados de logo os exageros próprios de sua personalidade interessante e extremada: — “As anônimas poesias sertanejas, conservadas pela tradição oral, celebrando o boi, o cangaceiro, a gleba ou o amor, poderiam, via de regra, correr mundo, sem desdouro, sob a assinatura de muito poeta consagrado: são lastreadas por essa massa de paixões e reações que constituem o patrimônio de todos os homens comuns, em todos os países e em todas as idades. Sucede o contrário com os esforços poéticos dos

vates da Fortaleza e assemelhados: perdido ou repudiado o contacto com a realidade provinciana, solicitados por forças estranhas que pouco e mal assimilam, os intelectuais litorâneos acabam por não ser nem eles nem os outros a que pretendem imitar; esvaziados de qualquer conteúdo estadual, meros gêneros de um só mimetismo, dão, a quem os lê, apenas a sensação de máscaras debaixo das quais nada mais existe”.

Entendemos que a fidelidade à sua origem faz o artista levar, com toda a segurança, uma original mensagem ao resto do mundo. É “o universal pelo regional”, consagrado no lema da Universidade Federal do Ceará. Foi isso, possivelmente, o que deu dimensão maior à poética de Juvenal Galeno, que assim escapou, com poucos, da minimização dos versos de seus contemporâneos. Não que os versejadores tenham de evitar, necessariamente, os belos e eternos temas universais do amor, da morte, do ciúme, da noite, do mar, do mistério enfim. Trabalhar bem nesse campo é consagrar-se definitivamente, a exemplo dos grandes poetas do Grupo Clã e de outros movimentos regionais, que tanto admiramos. Mas a utilização da realidade ambiental, física e psíquica, longe de prejudicar, muito ajuda quem não queira ser mero repetidor, com talento por vezes, mas sempre repetidor de temas já freqüentados por outros, com mais originalidade.

Esta a razão por que, bem inspirada, a Academia Cearense de Letras, ao longo de sua história, tem porfiado em trazer para os seus quadros, representantes legítimos desse rico filão da literatura interiorana. Exemplifiquemos. A Figueiredo Filho, pesquisador insuperável do Crato, sucedeu o também cratense José Denizard Macedo, de polimorfa cultura geral e regional. A Milton Dias, cronista do cotidiano e das cunhãs, de Massapê principalmente, sucederá Joaryvar Macedo, pesquisador dos fastos cariarienses e incentivador da cultura no sul cearense.

Entendemos que foi essa, não obstante os demais méritos intelectuais do novo Acadêmico, devidamente provados através de profícua atividade nas ingratas lides do magistério e de beneditina pesquisa nos difíceis campos da história e da genealogia, a principal, embora não única razão que levou os memeros da Academia Cearense de Letras a cogitar de seu ingresso

na Casa de Thomaz Pompeu muito antes de ser investido no honroso cargo de Secretário Estadual de Cultura.

Joaryvar Macedo foi professor do Departamento de Línguas e Literatura da Faculdade de Filosofia do Crato, de nossa particular querência, levando para lá o grande lastro cultural reunido nos anos de estudo no velho Seminário da Prainha; organizador e presidente do Instituto Cultural do Vale Caririense, de que somos Sócio-Correspondente; e fundador e vice-presidente do Instituto Genealógico do Cariri. Como Sócio-Efetivo do já benemérito Instituto Cultural do Cariri, é colega nosso e de Cláudio Martins, ilustre Presidente da Academia Cearense de Letras, de Nertan Macedo e Francisco de Sousa Nascimento (o crítico F. S. Nascimento), todos do Cariri oriundos, menos nós, e cujas raízes cultivam com cativante amor.

A ligação de Joaryvar Macedo com membros da Academia Cearense de Letras é, portanto, antiga, de muitos anos, como o comprova, ainda, o fato de que, na qualidade de líder indiscutível do Instituto Cultural do Vale Caririense fez sócios honorários dessa instituição os Acadêmicos Antônio Martins Filho, nosso Presidente Honorário, Cláudio Martins, nosso operoso Presidente, e Raimundo Girão, o festejado historiador conterrâneo. Sócios-Correspondentes, por nímia gentileza sua, somos nós, Luís Sucupira, Manoel Albano Amora, José Denizard Macedo, Eduardo Campos, Francisco Alves de Andrade, Abelardo Montenegro, José Valdivino de Carvalho, Pe. Francisco Sadoc de Araújo, Florival Seraine, Carlile Martins, Itamar Espíndola, Linhares Filho, Nenzinha Galeno, F. S. Nascimento e Sânzio de Azevedo.

Sua rica bibliografia gravita em torno de uma evidente predileção pela pesquisa, demorando-se com afeto e com amor sobre a região caririense, sua ecologia, sua riqueza humana, a partir do município em que nasceu (Lavras da Mangabeira) para derramar-se em todo o pólo cultural onde passou a viver, o CRAJUBAR de Jefferson de Albuquerque — Crato, Juazeiro e Barbalha.

Um simples passar de olhos sobre seus livros e monografias, por si só, evidencia suas preferências: — “Os Augustos” (genealogia), “Um Bravo Caririense” (biografia de Joaquim

Vasques Landim), “Otacílio Macedo” (biografia), “O Poeta Lobo Manso” (biografia de seu pai), “A Estirpe de Santa Teresa” (genealogia de algumas famílias caririenses, a cujo clã pertence o próprio Joaryvar, os Martins e minha esposa), “Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares” (biografia), “Fagundes Varela e Outros Rabiscos” (crítica literária), “Influência de Portugal na Formação Étnica e Social do Cariri” (genealogia), “Origens de Juazeiro do Norte” (pesquisa histórica), “Presença Inconcussa de Norte-rio-grandenses na Colonização do Cariri” (genealogia), “Composições Poéticas de Hermes Carleial” (crítica literária), “O Contingente Paraibano na Colonização do Cariri” (genealogia, com destaques para os Caraxos, família de minha esposa), “Autores Caririenses” (crítica literária), “Lavras da Mangabeira — dos Primórdios a Vila” (história), “Alencar Peixoto, um Clássico” (crítica literária), “Pernambuco nas Origens do Cariri” (genealogia), “Templos, Engenhos, Fazendas, Sítios e Lugares” (pesquisa histórica) e “Apresentação de Fagundes Varela” (crítica literária).

Entende-se, pois, que a Academia Cearense de Letras, porfiando em ser fiel à orientação de último adotada, revalorizadora dos intelectuais que assentam seu estro na ecologia, abraçando assim a tese de Yaco Fernandes, sem prejuízo das diretrizes generalizadoras traçadas por seus fundadores em 15 de agosto de 1894 (há oitenta e nove anos, portanto, três anos antes da organização da Academia Brasileira de Letras), entende-se que nossa Academia volva suas vistas para o pesquisador caririense, cuja obra assenta suas bases, precisamente, na realidade regional.

Senhor Joaryvar Macedo:

Entre algumas alegrias que Deus nos reservou, de par com inúmeros aborrecimentos ao longo da vida, acha-se a honra, que me foi conferida pelo Presidente da Academia Cearense de Letras, de saudar-vos nesta hora de glória para o grande intelectual e pesquisador que realmente sois.

Que vossa obra não se desambienta entre nós parece-nos devidamente comprovado nesta já longa louvação.

E que a ambiência que ireis fruir é boa e produtiva, não nos tememos de afirmar, embora suspeitamente.

Apraz-nos repetir agora o que nos disseram, pela voz saudosa de José Waldo Ribeiro Ramos, quando de nosso ingresso no Instituto do Ceará: — “Ansiosos andávamos por contar-vos um dos nossos”. E, como então, reafirmamos que “o vinho é bom, a sombra é amável”.

Ingressai em nosso meio de cabeça erguida e coração aberto. Sentai-vos na Cadeira n.º 4 com a tranqüilidade de quem a merece.

A Casa é vossa. Sede feliz.